

**Fotojornalismo Acessível:
Visões Fotoetnográficas da Fotografia como Ferramenta de Inclusão Social para
Pessoas com Deficiência Visual¹**

Karolyn PETRUCCI²

Universidade Federal do Pampa – UNIPAMPA, Campus São Borja/RS.

RESUMO

Este trabalho visa contribuir para pesquisas em âmbito acadêmico, no campo da comunicação social sobre as questões que englobam a acessibilidade de pessoas com deficiência visual. A pergunta que norteou a realização deste projeto foi “pode um deficiente visual fotografar jornalisticamente?”, através deste trabalho foi possível constatar que a fotografia e o fotojornalismo podem ser acessíveis a todas as pessoas, e que, com o estudo dos conceitos sobre estes conteúdos, qualquer pessoa é capaz de produzir imagens com valor-notícia.

PALAVRAS-CHAVE: Deficiência Visual; Fotojornalismo; Fotografia; Acessibilidade; Inclusão Social.

1. INTRODUÇÃO

As questões que envolvem acessibilidade estão cada vez mais em voga. No dia-a-dia da era da iconofagia (BAITELLO, 2005), há um dilúvio de informações, em formatos diferentes, sejam em textos, vídeos, áudios ou imagens. Porém, com este constante fluxo de informações, cada vez mais intenso, as necessidades comunicativas das pessoas com deficiência visual acabam sendo deixadas de lado, obrigando-as a se adaptarem aos conteúdos, situação que demonstra a falta de respeito e de cidadania para com estas pessoas.

O censo de 2010 (IBGE, 2012) revelou que temos no Brasil cerca de 29 milhões de pessoas com alguma deficiência visual, representantes de 24% da população, um número muito significativo. Para este experimento, convidamos um grupo de seis pessoas com deficiência visual, membros da ADEVASB³, na cidade de São Borja/RS, que possui 9.065 pessoas com alguma dificuldade visual. A proposta deste artigo foi, primeiro, analisar as

¹ Projeto apresentado na disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso I, do curso de Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para o desenvolvimento do Projeto Experimental. Esta pesquisa foi realizada sob orientação do Prof. Me. Marco Bonito.

² Acadêmica do curso de Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo da Universidade Federal do Pampa, email: petrucci.k@hotmail.com.

³ ADEVASB: Associação de Deficientes Visuais e Amigos de São Borja

práticas desenvolvidas nas oficinas de fotografia e de fotojornalismo para pessoas com deficiência visual. Em um segundo momento dar conta das apropriações por parte dos participantes do projeto em relação ao que aprenderam nas oficinas. Por fim, identificar se estas práticas e ensinamentos, afinados com questões jornalísticas, realizaram o papel de inclusão social.

2. OBJETIVO

O objetivo geral deste trabalho é descobrir se pessoas com deficiência visual são capazes de fotografar jornalisticamente. Também propomos a acessibilidade e inclusão social destas pessoas através do uso da fotografia, fazendo com que cada indivíduo participante deste projeto pudesse se sentir incluído na tarefa simples de registro do cotidiano por meio da fotografia.

3. JUSTIFICATIVA

O primeiro motivo que fez com que este trabalho fosse produzido foi a percepção de que há poucas pesquisas em âmbito acadêmico que unam o tema fotojornalismo com as questões de acessibilidade, inclusão social e deficiência visual. Com isso este trabalho tem, também, por objetivo colaborar para futuras pesquisas acadêmicas e também ser útil para que as pessoas com deficiência sejam incluídas em atividades ligadas à produção jornalística.

Mesmo não sendo capazes de enxergar, estas pessoas utilizam os outros sentidos para produzirem as imagens, há a exploração do tato, olfato, audição e, até mesmo, do paladar. Situação que nos mostra que nem sempre a visão é a essência do trabalho fotográfico. Em meio a tantas informações do cotidiano, este trabalho propõe resgatar os outros sentidos, além da visão, para que registros noticiosos possam ser feitos por pessoas com deficiência visual. O constante recebimento de informações diárias nos faz, por consequência, deixar a essência das coisas comuns invisíveis aos nossos olhos. Este trabalho objetivou contribuir com a construção de imagens a partir da sensibilidade do indivíduo perceber os mínimos detalhes de uma situação: barulhos, cheiros, texturas. Porém sem o uso da visão.

Portanto, esta pesquisa propôs que mais discussões em torno das questões da acessibilidade sejam feitas, valendo-se – cada vez mais – da fotografia como um meio de comunicação acessível a todos. Neste caso utilizamos a linguagem do fotojornalismo como base da construção das imagens.

4. MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

Em abril de 2012 iniciei a pesquisa da pesquisa, ou seja, sites de congressos na área em questão, como Intercom, Scielo, Compós e Alaic, serviram como base para a pesquisa nos repositórios de publicações sobre assuntos relacionados ao tema deste trabalho. Nesta etapa encontrei trabalhos com palavras-chaves como: acessibilidade, inclusão social, fotojornalismo, fotografia, fotoetnografia e cegueira. Porém, nenhum destes trabalhos seguia a linha de objetivos que eu desejava encontrar e que respondesse a pergunta: pode um deficiente visual fotografar jornalisticamente?

Em um segundo momento foi realizada a pesquisa exploratória que consta no reconhecimento do campo/área de estudo em questão (COSTA e COSTA, 2011, p. 37). A pesquisa com caráter exploratório é a base de todo o caminho de estudo levando o pesquisador ao aprofundamento da realidade estudada. A pesquisa bibliográfica e a documental (idem, p. 36) foram indispensáveis para a melhor compreensão do que é a deficiência visual, o fotojornalismo e a adaptação das práticas fotojornalísticas às necessidades das pessoas com baixa visão.

Na parte prática do trabalho a pesquisa de campo com etnografia e a observação participante foram os métodos que guiaram o andamento da pesquisa. A etnografia baseia-se no contato do pesquisador com o objeto de estudo ou, no caso deste trabalho, com os participantes que fizeram parte do projeto. O fotógrafo Luiz Eduardo Robinson Achutti explica que “a etnografia consiste, na verdade, em se esforçar para realizar um trabalho de pesquisa interpretativa, visando uma composição que mostre a singularidade cultural de um determinado grupo social” (ACHUTTI, 2004, p. 93). A observação, documentação e o encontro do motivo e do significado da ação auxiliaram a obter uma descrição mais completa possível sobre o grupo em estudo. Já a observação participante (ou participativa) consta na plena participação da comunidade na análise de sua própria realidade, promovendo assim o benefício coletivo (COSTA e COSTA, 2011, p. 37).

Criamos um pequeno grupo composto por seis pessoas que possuem baixa visão e sentem vontade de compartilhar com a sociedade em geral as suas ideias, suas perspectivas sobre o mundo, suas indagações, seus sonhos. A fotografia foi um mero instrumento para alcançar a quebra de paradigmas e preconceitos. Com o pequeno grupo foram realizadas oficinas sobre elementos básicos da fotografia: enquadramento, iluminação, técnicas de distanciamento; e do fotojornalismo: o que pode ou não ter valor jornalístico. No caso dos conceitos fotográficos fiz o uso do tato para explicar como uma imagem deveria ser

enquadrada, para exemplificar cada plano fotográfico e para saber como ter uma distância correta do objeto sem tirá-lo do enquadramento. Já ao ensiná-los sobre iluminação, pude perceber que as pessoas cegas se utilizam da temperatura corporal para saber quando estão de frente para o sol ou na sombra, por exemplo, e com isso pude ensinar como eles poderiam evitar fotografias com muita ou pouca luz. Ao explicar sobre fotojornalismo guiei as oficinas a partir do que Jorge Pedro Sousa (2004, p. 11) afirma quando diz que fotografias “que possuem valor jornalístico são usadas para transmitir informação útil em conjunto com o texto que lhes está associado”. Para que os participantes entendessem com clareza o que a fotografia representa no jornalismo, montei algumas situações hipotéticas (um acidente de carro, um desastre aéreo ou um emocionante jogo de futebol, por exemplo) e pedi para que eles imaginassem o que poderia ser fotografado para informar às pessoas sobre os acontecimentos.

A técnica fotográfica não foi o foco principal, mas sim o desenvolvimento de habilidades simples com a câmera: enquadramentos e elementos que foram fotografados. Todo o processo foi adequado às necessidades de cada participante, a partir da identificação das particularidades e dificuldades de cada um.

5. DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO

Após o período de levantamento de pesquisas e dados nos deparamos com Paulo Molinos, presidente da Associação de Deficientes Visuais e Amigos de São Borja (ADEVASB), em nosso primeiro contato conseguimos informações de extrema importância para a pesquisa, sem ela [a associação] talvez não fosse possível a realização das oficinas nem o contato com seus integrantes. Com o auxílio de Paulo selecionamos seis pessoas para comporem o grupo que faria parte das oficinas de fotografia/fotojornalismo.

Para identificar os membros do grupo usarei a legenda **BV** para os que possuem baixa visão e conseguem perceber focos de luz, sombras e formatos e **TC** para os que são totalmente cegos. Os participantes deste projeto experimental foram Alessandra da Silva, 35 anos (BV), Luiz Freitas, 63 anos (BV), Marcos de Oliveira, 23 anos (BV), Paulo Molinos, 54 anos (TC olho direito), Ramão Faguaga, 53 anos (TC) e Tania Carvalho, 26 anos (TC). O primeiro contato que tive com o grupo aconteceu em abril de 2012. A pré-entrevista serviu para que pudéssemos conhecer cada um deles, saber os motivos que lhes fizeram ter vontade de participar do projeto e também entender um pouco sobre como é a vida de um deficiente visual em São Borja.

Em fevereiro de 2013 pudemos dar início às atividades previstas no ano anterior. A primeira oficina ocorreu no dia sete de fevereiro, na casa de Alessandra da Silva às 09h da manhã. Como era o primeiro dia de trabalho decidi, com a ajuda de meu orientador, que esta oficina deveria ser apenas para eu observar como os participantes interagem com as câmeras fotográficas. Iniciei fazendo algumas perguntas que já havia feito na pré-entrevista em abril do ano anterior, desta vez, tivemos a oportunidade de nos aprofundarmos na história de cada um deles. Entreguei uma câmera para cada participante e lhes passei a tarefa de fotografar o ambiente ao redor deles, sem lhes ensinar regras ou conceitos sobre fotografia. Outras atividades foram surgindo conforme eu percebia que estavam curiosos para explorar a câmera, eles também trabalharam com autorretrato (sozinhos e em duplas). Durante a oficina eu ia passando algumas dicas sobre enquadramento e iluminação e foi possível perceber que em duas horas de atividade eles obtiveram resultados interessantes.

A segunda oficina aconteceu no dia 21 de fevereiro, foi nesta que o conteúdo sobre os conceitos da fotografia começou de fato. Nesta ocasião, meu orientador e eu tivemos a ideia de levar o grupo para conhecer o estúdio de fotografia e os equipamentos profissionais que tínhamos disponíveis na Universidade Federal do Pampa – Campus São Borja. Fizemos um breve passeio pela instituição, apresentamos os participantes para algumas turmas que estavam em aula, lhes mostramos o estúdio de edição de vídeo, de televisão e, por fim, o de fotografia, onde trabalhamos naquele dia. Antes de dar início ao conteúdo programado, levei duas fotos (que cada um deles havia produzido na primeira aula) impressas e com os contornos mais expressivos em relevo feito com o uso de tinta plástica, a técnica foi aprovada por todos. O grupo ficou surpreso com os resultados da oficina anterior. Os participantes também tiveram a oportunidade de conhecer o equipamento do estúdio de fotografia, o que despertou a curiosidade de todos. O conteúdo desta oficina era referente aos planos fotográficos. Expliquei o que cada plano significava e depois lhes passei a tarefa de trabalharem em duplas e fotografarem uns aos outros seguindo todos os planos que eles aprenderam. Mais uma vez o resultado foi positivo.

Para a terceira oficina, no dia 26 de fevereiro, programei uma saída fotográfica tendo como ponto de partida a Praça XV de Novembro que está localizada no centro da cidade. Antes de distribuir as câmeras fiz uma breve recapitulação do conteúdo da oficina anterior e então passei a tarefa que eles teriam que cumprir: os instiguei a fazer um contato maior com a população, a contar para as pessoas sobre o projeto que estávamos produzindo. O resultado foi surpreendente, pois as pessoas interagiram com o grupo, fizeram perguntas

sobre o projeto e permitiram serem fotografadas. Alguns dos participantes praticaram fotojornalismo sem perceber.

A quarta oficina aconteceu no dia 28 de fevereiro, e foi mais voltada ao conteúdo de fotojornalismo. Expliquei o que são fotografias com teor jornalístico, comentei sobre a representatividade da fotografia no jornalismo, exemplifiquei o que seriam fotos jornalísticas. O planejamento inicial era que a oficina fosse apenas teórica, contudo a partir do conteúdo exposto o grupo comentou sobre as dificuldades que eles enfrentam no dia-a-dia, sobre a falta de acessibilidade que a cidade de São Borja lhes impõe, e também acrescentaram exemplos do que eles poderiam fotografar do cotidiano deles que serviria como fotografia com valor-notícia. Depois de uma hora expondo o conteúdo teórico, aproveitamos para fotografar os arredores do local onde estávamos realizando a oficina: o bairro do Passo. Os participantes fotografaram a falta de acessibilidade nas ruas sem asfalto, a falta de rampas e de calçadas niveladas ou com calçamento correto. Também fizeram denúncias ao poder público ao fotografar locais com indícios de mosquito da dengue. E por último visitamos um mercado de bairro, tipo de local onde eles encontram mais dificuldades para ter autonomia.

A quinta, e última, oficina foi realizada no dia cinco de março. Mais uma saída fotográfica, desta vez o roteiro iniciou na Praça do Passo, passou por locais como o Centro Nativista Boitatá e Ginásio Cleto Dória de Azambuja e finalizou no Cais do Porto. Durante todo o trajeto os participantes foram relembando todo o conteúdo que eu havia passado para eles. Muitas vezes eu não precisava falar nada, pois um auxiliava o outro, dava dicas, falava sobre ângulos e enquadramento, sobre como a iluminação ficaria melhor. A oficina fluiu tão bem que quando percebemos já havia terminado. Durante todo o processo de realização das oficinas eu fotografei os bastidores, a evolução dos participantes, estes foram os momentos em utilizei a fotoetnografia como recurso de registro desta pesquisa.

Depois deste processo de oficinas parti para a seleção de conteúdo que faria parte do produto final. Revi todas as fotografias que foram produzidas pelos participantes e escrevi sobre o que realizamos em cada uma das oficinas. No início do mês de março de 2013 comecei a produzir e a configurar o blog para que ele se tornasse um local acessível para as pessoas com deficiência visual. Inaugurei o *Foto Sem Ver* com uma postagem de apresentação contando, brevemente, sobre o que se trata o projeto. O resumo sobre todas as oficinas e seus respectivos resultados foram divulgados no blog que está disponível no endereço eletrônico <http://fotosemver.blogspot.com.br/>.

6. CONSIDERAÇÕES

Após este longo processo de atividades, deveríamos responder a pergunta: pode um deficiente visual fotografar jornalisticamente? Considerando todo o trajeto de aprendizado que os participantes percorreram, percebe-se a evolução que cada um deles atingiu. O objetivo deste trabalho não era formar fotógrafos profissionais, o simples fato de uma pessoa cega poder produzir uma boa imagem já era importante para nós.

Logo na primeira oficina já conseguimos obter resultados interessantes, a interação entre o grupo com as câmeras aconteceu de forma natural, eles exploraram ângulos e com posições diferentes, por exemplo. Na terceira oficina os participantes já haviam perdido a timidez e paravam as pessoas na rua pedindo autorização para lhes fotografarem. Nesta etapa os erros de enquadramento diminuíram bruscamente, o grupo conseguiu desenvolver a percepção deles sobre iluminação e não faziam tantas fotografias superexpostas⁴ ou subexpostas⁵. Na quarta oficina eles conseguiram entender o conteúdo sobre fotojornalismo com facilidade e produziram imagens interessantes dentro deste aspecto da fotografia. A quinta oficina serviu para confirmar o que já estava claro para nós: uma pessoa com deficiência é capaz de produzir fotografias com teor jornalístico. Com a descrição das imagens os participantes puderam perceber a própria evolução e aprovaram o modo como este trabalho de cunho experimental foi realizado.

Portanto a imagem pode – e deve – ser acessível a todos os indivíduos, tenham eles visão regular ou baixa, basta que a sociedade se engaje cada vez mais na proposta de tornar as ferramentas audiovisuais instrumentos de interação entre as pessoas com deficiência e os elementos que são comuns aos indivíduos videntes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACHUTTI, Luiz Eduardo Robinson. **Fotoetnografia da Biblioteca Jardim**. Porto Alegre: Editora da UFRGS/Tomo Editorial, 2004.

BAITELLO JR, Norval. **A Era da Iconofagia**. São Paulo: Hacker Editores, 2005.

COSTA, Marco Antonio F.; COSTA, Maria de Fátima Barrozo. **Projeto de Pesquisa: entenda e faça**. Petrópolis: Vozes, 2011.

IBGE. Censos demográficos. **IBGE**, 2012. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/resultados_preliminares_amostra/default_resultados_preliminares_amostra.shtm>. Acesso em 11 Julho de 2012.

⁴ Imagem muito clara.

⁵ Imagem muito escura.



SOUSA, Jorge Pedro. **Fotojornalismo: introdução à história, às técnicas e à linguagem da fotografia na imprensa**. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2004.